



**PLURAL DE NOMES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
VARIAÇÃO, INDIVÍDUO, ESCOLARIDADE E O PAPEL DO LÉXICO**

**NOUN PLURAL IN BRAZILIAN PORTUGUESE: VARIATION,
INDIVIDUAL, SCHOOLING AND THE ROLE OF THE LEXICON**

Christina Abreu Gomes¹

Thiago Lucius Alvarez Amaral²

Lídia Oliveira do Prado³

Resumo

Esse artigo trata da expressão do plural em nominais no PB em palavras terminadas em ditongo oral decrescente, como em chap[ε̃ʁs] ~ chap[ε̃ɹs] e pap[ε̃ɹs] ~ pap[ε̃ʁs], observando o indivíduo, a escolaridade e o papel do léxico. O estudo adota as hipóteses da variação como representações baseadas em exemplares. Especificamente, adota a hipótese de que diferentes experiências com a língua podem levar a diferentes inferências de padrões no léxico. Os dados foram obtidos através de dois testes de produção elicitada de formas de plural, um contendo pseudopalavras e outro com palavras do PB de baixa frequência de ocorrência, aplicados a 55 indivíduos distribuídos em dois níveis de escolaridade. Os resultados mostraram a alternância entre as duas formas nos dois testes, com predominância do plural *-is* no teste de palavras do PB, resultado semelhante aos de outros estudos, evidenciando a importância da alta frequência desse tipo de plural na língua para as palavras terminadas em ditongo oral decrescente. Os resultados também mostraram uma grande variabilidade entre os indivíduos, indicando que, embora o mecanismo cognitivo de inferência e atribuição de padrões sejam os mesmos para todos os falantes, a base para a inferência, a constituição do léxico, pode ser diferente entre os falantes, porque está relacionada com a experiência sociolinguística do falante com a língua. Os resultados para os diferentes níveis de escolaridade mostraram que, no teste de pseudopalavras, os participantes

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq 1. E-mail: christina-gomes@uol.com.br.

2 Universidade Federal do Rio de Janeiro (IC). E-mail: t.lucius7@gmail.com.

3 Universidade Federal do Rio de Janeiro (IC). E-mail: pradolid@yahoo.com.br.

Recebido em: 12/10/2018

Aceito em: 08/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

do grupo de Educação para Jovens e Adultos tenderam a usar a forma regular de plural na produção elicitada do teste de pseudopalavras, e, no teste do PB, foram os que tenderam a realizar menos o padrão de plural *-is*. Observa-se que falantes com mais escolaridade, isto é, com mais experiência com formas de plural padrão, foram os que tenderam a produzir formas de plural com *-is*, o tipo mais frequente.

Palavras-chave: Plural; Nome; Variação; Indivíduo; Léxico.

Abstract

This paper deals with the expression of noun plural in BP in words ended by an oral falling diphthong, as in chap[ε̃ʊs] ~ chap[ε̃ɪs] and pap[ε̃ɪs] ~ pap[ε̃ʊs], observing the individual, level of schooling and the role of the lexicon. The study adopts the hypothesis of variation as representations based on exemplars. Specifically, it adopts the hypothesis that different experiences with the language can lead to different inferences of patterns in the lexicon. The data were obtained through two tests of elicited production of plural forms, one containing pseudowords and one with BP words with low token frequency, applied to 55 individuals distributed in two levels of schooling. The results showed that the alternation between the two forms in the two tests, with predominance of the plural *-is* in the BP word's test, a result similar to those obtained in other studies, evidencing the importance of the high frequency of this type of plural in the language for the words ended by an oral falling diphthong. The results also showed a great variability among individuals, indicating that, although the cognitive mechanisms of inference and pattern assignment are the same for all the speakers, the basis for inference, the constitution of the lexicon, may be different among speakers, because it is related to the speaker's sociolinguistic experience with the language. The results for the different levels of schooling showed that, in the pseudoword test, the participants of the Youth and Adult Education group tended to use the regular plural form in the elicited production of the pseudoword test, and, in the BP test, they tended to use less the plural pattern *-is*. Speakers with higher level of schooling, i. e., with more experience with standard forms of plural, tended to produce plural forms with the most frequent type *-is*.

Keywords: Plural; Noun; Variation; Individual; Lexicon.

Introdução

Esse artigo trata da expressão do plural em nominais no Português Brasileiro (PB), terminados em ditongo oral decrescente, como em chap[ε̃ʊs] ~ chap[ε̃ɪs] e pap[ε̃ɪs] ~ pap[ε̃ʊs], observando o comportamento do indivíduo, escolaridade e o papel do léxico. Relativamente à expressão do plural, alguns estudos recentes têm mostrado que o plural em nominais no PB é variável, conforme em *degraus* ~ *degrais*, *reais* ~ *reaus*, *cidadãos* ~ *cidadões*, *n[o]vos* ~ *n[o]vos* (HUBACK, 2007, 2010, 2011, 2013; GOMES e GONÇALVES, 2010; SEVERINO, 2013). Para abordar a alternância especificamente em itens lexicais que no singular terminam em ditongo oral decrescente, do tipo -Vw, esse estudo adota a hipótese de representações linguísticas baseadas em exemplares e os pressupostos da Sociolinguística Variacionista. A alternância é, portanto, interpretada como variação linguística, que tem status representacional no conhecimento linguístico do falante. Segundo Bybee (2010, p.14-32) e Pierrehumbert (2003,

2016), instâncias de uso, ou exemplares, fazem parte da representação das palavras no léxico. Assim, exemplares ou nuvem de exemplares são formadas em diversos níveis de complexidade, relativos tanto a aspectos do detalhe fonético das produções dos itens, a unidades sublexicais como *onsets* e rimas de sílabas, e até mesmo a unidades no nível sintático (ou construções). Ainda de acordo com o Modelo de Redes de Bybee (1995, 2010), as palavras estão representadas no léxico em redes baseadas em semelhança sonora e semântica. Neste modelo, as relações morfológicas são emergentes da semelhança sonora e semântica simultânea entre as palavras. Dessa maneira, a variabilidade observada na produção dos falantes é resultante da seleção/escolha de formas que fazem parte da representação do item lexical em uma nuvem de exemplares. Portanto, uma questão que se coloca é se há aspectos sociolinguísticos e quais no condicionamento da variação.

Além disso, a organização em redes e os mecanismos de inferência de padrões no léxico remetem à questão da produtividade das formas que expressam o plural. Assim, a hipótese a ser discutida é a levantada em Gomes e Gonçalves (2010, p.131), segundo a qual os falantes podem fazer diferentes inferências sobre as representações das palavras no léxico, uma vez que, embora os falantes façam uso dos mesmos processos cognitivos de inferência de padrões no léxico, devido à experiência do falante com a língua, a inferência pode ter como base um léxico em que as proporções entre os variados tipos morfológicos sejam diferentes, isto é, apresentam frequências de tipos diferentes, com consequências na direcionalidade da inferência. Essa questão está relacionada ao fato de que, no PB, a expressão do plural no SN é variável (SCHERRE, 1988) e, portanto, os falantes podem se diferenciar não só em relação às taxas de produção de formas no plural, mas também em relação à representação/conhecimento lexical de certas formas de plural no léxico.

As seções a seguir apresentam os pressupostos teóricos em que o trabalho se baseia, a metodologia de trabalho e a análise e discussão dos resultados.

Pressupostos Teóricos

Este estudo adota a hipótese da representação em exemplares e do Modelo de Redes (BYBEE, 1995, 2001, 2010). Exemplares correspondem a representações baseadas na experiência dos falantes em ouvir e produzir os itens lexicais em diferentes contextos interacionais, discursivos e sociais. Exemplares estão representados em um *cluster* ou nuvem, formada por instâncias da experiência julgadas como sendo as mesmas e que contêm informações dos contextos de uso. São, portanto, organizados em um mapa cognitivo baseado em similaridade, e podem ser de qualquer tipo, fonético, sintático e semântico (BYBEE, 2013, p.53).

De acordo com o Modelo de Redes, um único mecanismo associativo dá conta da representação e do processamento de itens lexicais complexos. Tanto os itens lexicais complexos quanto as formas básicas estão representados no léxico em redes de conexão lexical baseadas

em similaridades sonoras, semânticas, e sonoras e semânticas simultaneamente. As redes de conexões baseadas em semelhança fonética e semântica fazem emergir as relações morfológicas entre os itens lexicais (BYBEE, 1995, 2010). Partindo de outros pressupostos, o Modelo Dual (MARCUS *et al*, 1992; MARCUS, 1995; PRASADA e PINKER, 1993; CLAHSEN *et al*, 1992) propõe que as formas irregulares estão representadas no léxico e as regulares são geradas a partir de um mecanismo associativo entre uma base e um afixo, ou regra *default*. O processamento de palavras complexas envolve primeiramente acesso lexical. Em caso de falha no acesso ou de o falante não ter o item representado, por não conhecê-lo ou por ser uma forma regular, entra em operação a regra *default* e uma forma regular será gerada.

Em um modelo baseado em exemplares, a representação captura a experiência do falante com a língua, e um aspecto da experiência diz respeito ao grau ou frequência de exposição via produção e percepção do uso dos itens lexicais. Bybee (1995, p. 433-435) menciona dois tipos de frequência, a frequência de ocorrência (*token frequency*) e a frequência de tipo (*type frequency*). A frequência de ocorrência do item, que corresponde à frequência de um item lexical em um *corpus*, tem consequências na representação e no grau de associação a outros itens do léxico (BYBEE, 2010, p. 57-74). De um lado, itens muito frequentes terão representação mais robusta e tenderão a ter associações mais fracas com outros itens do léxico, sendo menos sujeitos a serem atingidos em caso de mudança analógica, que constitui na atribuição de um determinado padrão a outros itens lexicais (BYBEE, 2015). Além disso, contribuirão de forma fraca para a rede, uma vez que tenderão a ser processados como um todo e não composicionalmente, e terão uma representação mais autônoma, não contribuindo para a produtividade de um padrão no léxico (BYBEE, 1995, p. 430-434). Hay (2003) apresenta evidências de que o acesso lexical afeta a representação do item lexical. Assim, palavras muito frequentes tenderão a ser acessadas por inteiro (*whole word route*). A frequência de ocorrência vai afetar também a associação da palavra em relação a outras. Portanto, palavras de alta frequência tenderão a ser acessadas não decomposicionalmente. A autora também apresenta evidências de que a frequência relativa entre palavra base e palavra complexa (ou derivada) é um determinante da decomposicionalidade ou não do item lexical. Itens lexicais complexos mais frequentes que suas bases, como *insane* (insano) em relação a *sane* (são), tendem a ser acessados pela rota da palavra como um todo, ao passo que itens lexicais complexos menos frequentes que suas bases, como *infrequent* (infrequente) em relação a *frequent* (frequente), têm menos autonomia e, portanto, são acessados via decomposicionalidade. O acesso a um item via suas partes componentes reforça sua representação ou status como uma palavra complexa constituída por afixos. Alguns modelos propõem que ambas as rotas de acesso lexical – decomposicional e acesso direto (não decomposicional) – competem (BAAYEN e SCHEUDER, 1999), podendo haver a dominância de uma sobre a outra em função de diferentes relações entre os itens lexicais, sejam elas relativas à frequência dos itens lexicais, à frequência relativa entre base e palavra derivada, como também relativas a propriedades sublexicais, como a transparência fonológica da base (HAY, 2003, p. 7-18).

Já a frequência de tipo (*type frequency*) diz respeito à frequência com que um determinado padrão é compartilhado pelos itens lexicais representados no léxico. A frequência de tipo tem relação com a produtividade de um padrão. Quanto mais frequente um determinado padrão, maior a probabilidade de ser atribuído a novos itens lexicais e na situação de falha no acesso lexical. Um exemplo clássico é o da atribuição da primeira conjugação a novos verbos que constituem empréstimos do inglês, como *deletar*, *escanear*, *xerocar*. Os verbos nas línguas românicas são enquadrados em três conjugações, sendo a primeira conjugação a com maior frequência de tipo (-ar, no português e no espanhol, e verbos como *chanter*, no francês). Guillaume (1927, 1973, *apud* BYBEE, 1995, p.433) apresentou evidências de que as inovações produzidas por crianças adquirindo o francês envolviam a atribuição do padrão de primeira conjugação a verbos pertencentes à 2ª e 3ª conjugações. A generalização se baseou não exatamente na classe com maior frequência de uso, mas na classe com maior frequência de tipo. Há poucos estudos sobre o Português Brasileiro que focalizaram o processamento de palavras complexas sob a ótica dos Modelos baseados no Uso ou baseados em exemplares. O estudo de Barbosa (2017) investigou o processamento e a representação lexical de palavras morfologicamente complexas do PB, focalizando especificamente o grau de analisabilidade sincrônica de itens lexicais etimologicamente formados com sufixo, considerando as hipóteses de Bybee (1995, 2010), Hay (2003) e Burani e Thornton (2003).

Frequência de ocorrência e frequência de tipo interagem de maneira que itens lexicais com alta frequência de ocorrência, por terem representação robusta, tenderão a sofrer menos nivelamento analógico, isto é, tenderão a não ser generalizados em função do padrão mais frequente. Há evidências no inglês contemporâneo falado nos Estados Unidos de que a generalização do padrão *-ed*, forma de passado de verbos, ocorre em verbos de baixa frequência de uso, criando alternâncias como *dreamt/dreamed* (passado do verbo *to dream*, dormir), *wept/weeped* (passado do verbo *to weep*), mas não há registro da mesma alternância em formas verbais com alta frequência de uso como *left* (passado de *leave*, sair/partir) e *felt* (passado de *feel*, sentir), por exemplo (BYBEE, 2015, p. 95-96).

A seção a seguir apresenta algumas questões sobre a alternância entre formas de plural com *-s* ou *-is*, conforme tratada em estudos recentes em diferentes abordagens teóricas.

Plural dos nomes terminados em ditongo oral decrescente–Vɔ

Em uma abordagem baseada em exemplares, a alternância de formas de plural observada na produção dos falantes, como em *chap*[ɛɔs] ~ *chap*[ɛɪs] e *ton*[ɛɪs] ~ *ton*[ɛɔs], se refere ao acesso e à seleção de diferentes formas dos itens lexicais que fazem parte da nuvem de exemplares desses itens e/ou da atribuição de um padrão morfológico com alta frequência de tipo, que é emergente das representações das palavras no léxico, organizadas em uma rede baseada em semelhança sonora e semântica, na falha de acesso ou inexistência do item no léxico.

A alternância da expressão do plural de itens lexicais terminados em ditongo oral decrescente como em chap[ɛɔ] e pap[ɛɔ] tem sido tratada em diversos estudos que adotam a representação em exemplares (CRISTÓFARO-SILVA *et al*, 2005; HUBACK, 2007, GOMES e GONÇALVES, 2010), e também em estudos que adotam uma abordagem formal (BECKER, CLEMENS e NEVINS, 2017; NEVINS, 2012). Nos estudos baseados em exemplares, adota-se como hipótese que os itens lexicais que apresentam *-l* ortográfico, como papel, lençol e outros, terminam em um segmento vocálico posterior, nas variedades em que os estudos foram conduzidos. De acordo com Gomes e Gonçalves (2010, p.124), a possibilidade de ambas as formas ocorrerem para o mesmo item é uma evidência de que o processo de mudança que eliminou a pronúncia da lateral como segmento final destes itens está completo (ver também HUBACK, 2012). Essa abordagem difere da de Mattoso Câmara (1979) e de Monareto, Quednau e Hora (2001), que assumem uma representação subjacente com a consoante lateral.

Sob a ótica da representação em exemplares, Cristófaros-Silva, Gomes, Oliveira e Huback (2005) investigaram a alternância dessas formas de plural no PB, incluindo também a alternância de palavras terminadas em *-ão*, em crianças entre 3 e 12 anos, adquirindo o PB na cidade de Belo Horizonte. Huback (2007) realizou um estudo mais amplo com adultos da cidade de Belo Horizonte focalizando os mesmos tipos de plural do estudo de Cristófaros-Silva *et al* (*op. cit.*). Já Gomes e Gonçalves (2010) conduziram estudo com crianças e adultos da comunidade de fala do Rio de Janeiro, comparando o comportamento dos participantes, a partir de dados de produção elicitada, relativos à alternância das formas *-s* e *-is* e do plural de itens como bolos e povos. Especificamente em relação ao plural dos itens lexicais terminados em ditongo oral decrescente (*-Vɔ*), esses estudos apresentaram evidências do efeito da frequência do item lexical e da frequência do tipo de plural na produção dos falantes. Os itens lexicais tenderam a ser produzidos com o plural esperado do ponto de vista etimológico, tendo havido maior flutuação de formas entre os itens com plural esperado regular (*-s*). Esse resultado evidencia a importância da frequência de tipo, uma vez que, de acordo com Cristófaros-Silva *et al* (*op. cit.*), o plural *-is* é o tipo mais frequente de plural das palavras terminadas com ditongo oral decrescente⁴. Além disso, foi observado que os itens mais frequentes tenderam a ser produzidos com a forma de plural esperada, o que evidencia o efeito da frequência de ocorrência do item, conforme no Modelo de Redes. Assim, houve tendência à produção de itens lexicais de baixa frequência com a forma de plural *-is* quando o plural esperado era *-s*.

Becker, Clemens e Nevins (2017), em estudo sobre o português e o francês, baseados em resultados de um teste de julgamento de aceitabilidade de pseudopalavras, a partir de uma abordagem formal, defendem que a superficialização da forma com *-s* ou com *-is*, de uma base

4 Em Cristófaros-Silva *et al* (*op. cit.*), a frequência de tipo foi extraída do corpus do projeto ASPA/UFMG, que conta com 230 milhões de itens (ou tokens), que totalizam 607 mil tipos distintos (palavras diferentes). Especificamente em relação às palavras terminadas em ditongo oral decrescente do tipo *-Vw*, há 887 palavras com plural esperado *-is* em 1.021.142 ocorrências, e 33 com plural esperado *-s*, em 33.935 ocorrências.

do tipo -Vw no Português Brasileiro, é resultante de um processo de mapeamento da forma subjacente, gerando uma forma superficial com base na característica fonológica dos itens lexicais. Segundo os autores, há a atuação da restrição *initial syllable faithfulness*, que protege palavras monossilábicas. Assim, na alternância em palavras com duas sílabas ou mais, do tipo chapéus ~ chapéis, a primeira sílaba se mantém intacta e não há violação da restrição de fidelidade da sílaba inicial, ao passo que, em monossílabos, a alternância tem impacto na primeira (e única) sílaba. Ainda segundo Nevins (2012), itens lexicais que apresentam a lateral ortográfica -l, como *anel*, *papel* etc., tenderão a se superficializar com a forma -is se tiverem uma vogal baixa no núcleo do ditongo, ao passo que as palavras com vogal média, como *museu*, tenderão à realização com -s. Segundo Nevins, o que está em questão é o grau de distância entre a vogal núcleo e a semivogal. No caso de [e] e [i], essa distância é menor do que entre [ɛ] e [i] – grau de dispersão do ditongo – o que leva a uma tendência de alternância somente com vogais baixas e nunca com média, o que evitaria a forma *museis*. No entanto, tem sido atestada a forma *pneis*, formada com o mesmo ditongo de *museu* (cf. GOMES e GONÇALVES, 2010, p. 125; CRIS-TÓFARO-SILVA e OLIVEIRA, 2002).

Assim coloca-se, portanto, a seguinte questão: a variabilidade atestada na produção espontânea dos falantes é resultante da seleção lexical e da competição entre padrões morfológicos emergentes da organização do léxico em redes ou é um processo de mapeamento da forma subjacente gerando uma forma superficial baseado em características fonológicas dos itens lexicais relativas ao tamanho da palavra e à vogal núcleo do ditongo? Neste trabalho, serão analisados os resultados relativos ao comportamento do indivíduo, do nível de escolaridade e do papel do léxico em relação à alternância das formas de plural, focalizando especificamente a hipótese levantada em Gomes e Gonçalves (2010), segundo a qual, embora o mecanismo cognitivo de inferência de padrões linguísticos seja o mesmo para todos os falantes, é possível que a experiência do falante com a língua leve a direcionalidades diferentes de inferência. Assim, os resultados relativos aos aspectos linguísticos ligados ao tamanho dos estímulos e à vogal núcleo do ditongo do teste de pseudopalavras não serão tratados neste artigo.

Metodologia

Os dados foram obtidos com a aplicação de dois testes de produção controlada, um composto por pseudopalavras e outro de palavras de baixa frequência de ocorrência do PB. O teste de pseudopalavras contém 68 estímulos-alvo, elaborados considerando a vogal núcleo do ditongo (a, e, ɛ, ɔ)⁵ e tamanho do estímulo (1, 2 e 3 sílabas). Os estímulos foram gravados por voz feminina em torno de 25 anos, e divididos em duas listas. Assim, cada participante ouviu 34 estímulos-alvo e 18 pseudopalavras distratoras (Anexo 1). O teste de pseudopalavras contém

5 Diferentemente do teste de pseudopalavras utilizado no estudo de Becker *et al* (2017), não foram incluídos estímulos com a vogal [o] como núcleo, uma vez que as poucas palavras com esta vogal são empréstimos do inglês: *gol*, *show*, *datashow*.

35 palavras, na sua maioria de baixa frequência na língua de acordo com a base ASPA/UFGM e Lael/PUC-SP de fala e 14 distratoras (Anexo 2). Os dois testes foram apresentados com a utilização do software DMDX, que ordena aleatoriamente os estímulos para cada participante. As repostas foram gravadas em gravador digital. Os mesmos participantes responderam aos dois testes apresentados sempre na mesma ordem, primeiramente o teste de pseudopalavras e, em seguida, o teste de palavras do PB. Em cada teste, foi solicitado ao participante que produzisse uma forma de plural do estímulo ouvido. A fase teste foi precedida de uma fase treino para familiarizar o participante com a tarefa.

O teste de produção elicitada de plural, composto de itens lexicais do PB, tem por objetivo prover um índice de produção das duas formas de plural -is e -s, para itens terminados em ditongo oral decrescente, para ser comparado ao comportamento observado do falante no teste de pseudopalavras, situação que avalia a inferência do falante sobre os itens representados no léxico, mas sem interferência da representação do item lexical. O índice de produção, avaliado através do teste com itens do PB, foi formulado devido à impossibilidade de estabelecer quantos itens lexicais com o plural esperado -is os falantes conhecem, isto é, têm representados em seu léxico. Sua constituição, a partir de itens majoritariamente com baixa frequência de ocorrência na língua, permite uma avaliação mais embasada do comportamento do falante no teste de produção elicitada com pseudopalavras. Normalmente, respostas que tendem a uma única direção em testes de pseudopalavras são descartadas da análise, isto é, os dados do participante que responde categoricamente, ou quase que categoricamente, uma das opções fornecidas são descartados devido à interpretação de que o falante não entendeu o teste, ou, apesar de ter aceito voluntariamente participar, pode não estar mais interessado na participação no momento da aplicação. Um comportamento da mesma natureza em teste com itens da língua é menos provável.

Responderam aos testes 55 voluntários, sendo 26 com ensino superior, recrutados de cursos de graduação da Faculdade de Letras da UFRJ dos dois primeiros semestres de curso, e 29 de um curso de Educação para Jovens e Adultos (EJA) de Niterói.

O trabalho se baseia nas seguintes hipóteses: (a) a alternância é possível para qualquer vogal núcleo do ditongo; (b) a tendência à produção com -is vai depender da inferência probabilística com o tipo mais frequente para aquele ditongo em função do esquema do qual emerge no léxico. Especificamente para cada teste, (c) falantes com mais escolaridade e, portanto, com mais experiência com formas de plural padrão, tenderão a refletir os padrões de prestígio esperados para as palavras do PB e, dessa forma, tenderão a produzir formas de plural com o tipo mais frequente -is; (d) o comportamento no teste de pseudopalavras vai tender a refletir o comportamento no teste de itens do PB no que diz respeito à frequência de tipo das duas formas de plural, de acordo com o levantamento realizado na base ASPA/UFGM, e da experiência com a língua, medida em função da escolaridade.

Análise dos dados

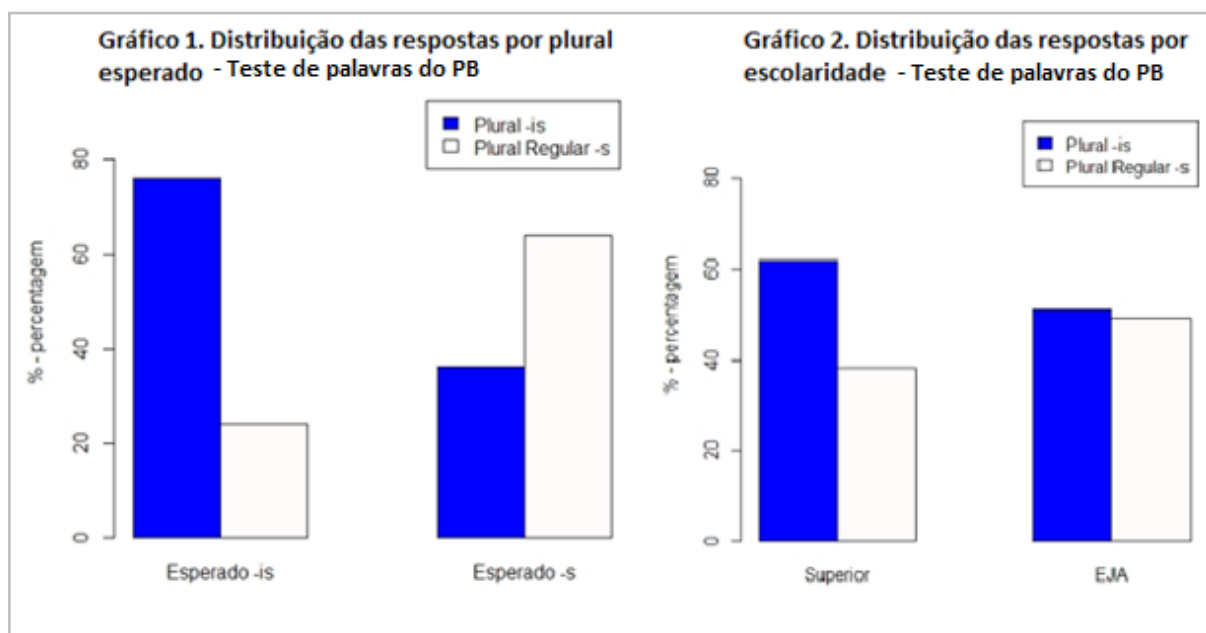
Neste artigo, serão apresentados e discutidos os resultados gerais e o efeito da escolaridade obtidos nos dois testes, o efeito do plural esperado para o teste com palavras do PB, e o comportamento do indivíduo no teste de pseudopalavras em função do desempenho no teste com palavras do PB. A Tabela 1 a seguir apresenta os resultados gerais obtidos nos dois testes em função do tipo de forma produzida: com -is, -s ou outra resposta. Foram agrupados na categoria “outra resposta” os casos em que o participante não produziu forma de plural (maioria dos casos) ou produziu uma forma diferente das formas em foco. As ausências de resposta não foram consideradas na tabela.

Teste	Plural -is		Plural -s		Outra Resposta		Total
	N	%	N	%	N	%	
Palavras do PB	1.039	55	796	43	46	2	1881
Pseudopalavras	676	36.8	1.074	58.5	87	4.7	1750

Tabela 1: Distribuição das respostas por teste

De acordo com a tabela, houve predomínio de -is no teste de palavras do PB (55%). No teste de pseudopalavras, no entanto, houve predomínio da forma regular (58,5%). As respostas do teste de palavras do PB foram analisadas em função do plural esperado e escolaridade.

Os gráficos 1 e 2 a seguir apresentam a distribuição dos percentuais obtidos, considerando somente as respostas com a forma regular e a forma irregular no teste de produção elicitada de plural de palavras do Português Brasileiro.



O gráfico 1 mostra que houve tendência à realização do plural esperado. Ou seja, os itens com plural etimológico em -is foram majoritariamente produzidos com o plural esperado, da

mesma forma que os itens com plural esperado regular foram produzidos majoritariamente com a forma -s. No entanto, houve um percentual maior de plural irregular (35%) nos itens com plural esperado regular, do que de plural regular (23%) entre os itens com plural esperado irregular. O teste com palavras do PB contém majoritariamente palavras com baixa frequência de ocorrência. Assim, na situação de falha no acesso lexical ou na ausência da representação de determinado item no léxico do falante, houve atribuição dos dois padrões em competição no léxico, com predominância do padrão -is, conforme pode ser observado no resultado geral da Tabela 1. O padrão -is é o padrão mais frequente para os itens lexicais terminados em ditongo oral decrescente, conforme no levantamento realizado na base ASPA/UFMG (ver nota 1).

O gráfico 2 mostra que houve predomínio da forma -is entre os falantes com nível superior (62%) e distribuição equilibrada das duas formas de plural entre os falantes do EJA. Esse resultado aponta para uma generalização do padrão -is somente entre os falantes com ensino superior. A Tabela 2 a seguir apresenta os resultados de regressão logística obtidos com o uso da Plataforma R, que indicam os efeitos apresentados nos gráficos para os fatores plural esperado regular e nível superior. Os resultados para sexo não serão discutidos porque fogem aos objetivos deste artigo.

	Estimate	Std. Error	Z value	P-value
Intercept	1.1584	0.1148	10.088	<2.e-16***
Plural esperado -s	-1.7820	0.1057	-16.860	<2.e-16***
Escolaridade – Nível Superior	0.3225	0.1227	2.628	0.00859**
Sexo Masculino	-0.4603	0.1341	3.431	0.00060***

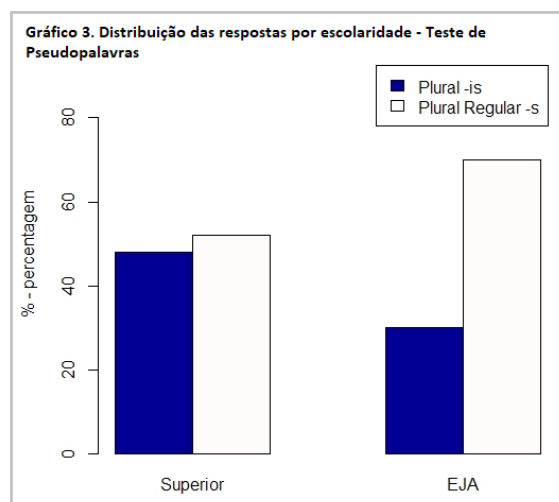
Tabela 2: Efeito dos fatores na realização da forma de plural -is

Os resultados do p-valor indicam que os fatores têm efeito significativo (> 0.05). Com relação ao efeito dos fatores de cada variável, a forma -is foi desfavorecida em itens com plural esperado -s (-1.7820). Com relação à escolaridade, o plural -is foi altamente favorecido entre os falantes com nível superior (0.3225).

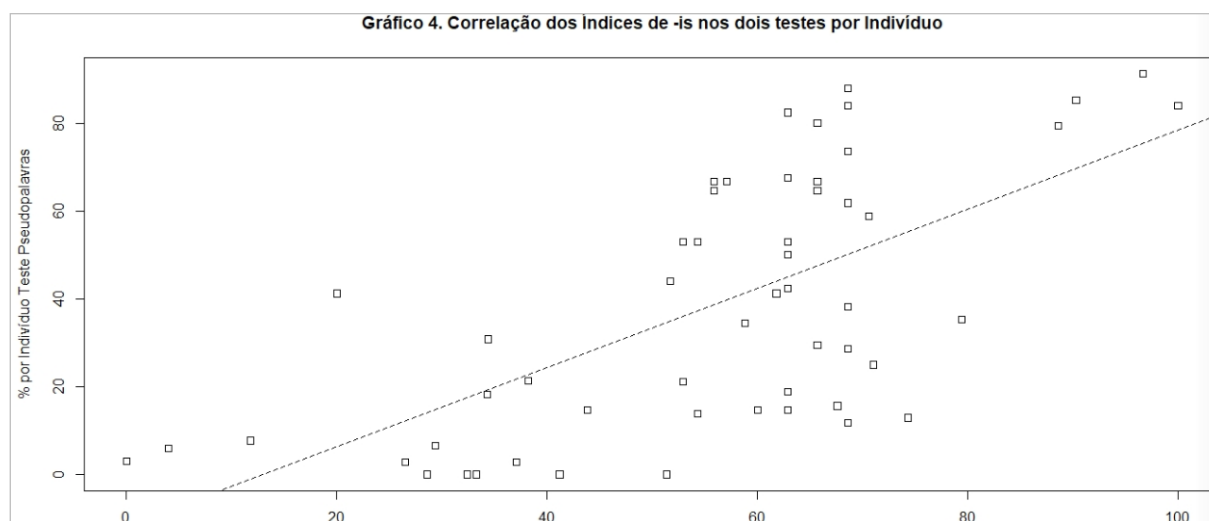
No teste de pseudopalavras, também foi observado favorecimento da forma -is entre os falantes com nível superior e predominância da forma -s entre os falantes do EJA⁶, conforme no gráfico 3 a seguir.

⁶ Os dados obtidos no teste de pseudopalavras também foram submetidos à regressão logística, considerando as variáveis estruturais observadas para este grupo de respostas (vogal núcleo do ditongo e tamanho dos estímulos em número de sílabas). Como a discussão desses resultados foge aos objetivos deste artigo, estão apresentados a seguir somente os valores do da variável escolaridade, conforme a regressão logística obtida na Plataforma R com a função `<- glm(resp ~ vogal.nuc + tamanho + escol + sexo + Lista, family = binomial)`. O logodds (Estimate) 0.85435 indica que houve maior tendência de -is entre os universitários e o p-valor indica que o resultado é significativo do ponto de vista estatístico.

Escolaridade	Estimate	Std. Error	Z value	P-value
– EJA	-0.26158	0.16482	-1.587	0.112506
– Nível Superior	0.85435	0.1709	6.722	1.79e-11***



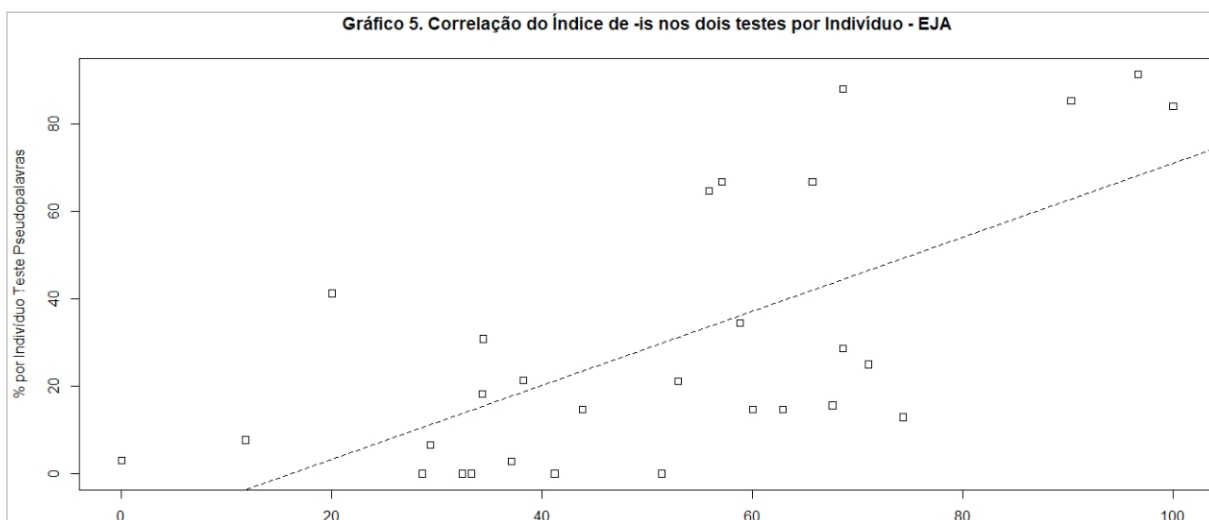
Os gráficos 4, 5 e 6 a seguir apresentam, respectivamente, os percentuais gerais por indivíduo no teste de pseudopalavras em função dos percentuais obtidos no teste de palavras do PB, e os mesmos percentuais observados para cada grupo de falantes para cada nível de escolaridade.



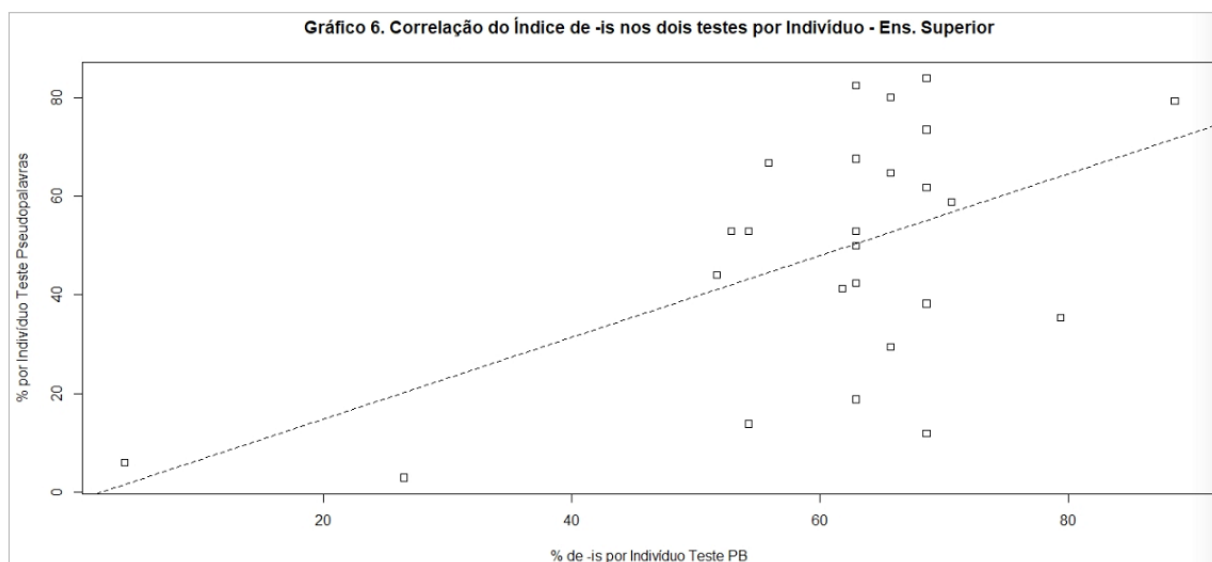
De acordo com o gráfico, observa-se uma grande variabilidade dos indivíduos em relação ao uso do padrão -is nas respostas de plural elicitado nos dois testes. Considerando os percentuais do eixo x, percentual de -is em todos os itens do teste com palavras do PB, observa-se que há uma tendência de correspondência entre os percentuais obtidos no teste do PB e os percentuais de -is no teste de pseudopalavras. A correspondência indica que o percentual de -is nas respostas no teste de pseudopalavras, eixo y, aumenta à medida que aumentam os percentuais de -is no

teste de palavras do PB. A correlação entre x e y , $\text{cor}(x,y) = 0,65449988$, indica que a inclinação da reta de tendência é significativa, isto é, há correlação positiva entre os valores de x e os valores de y . O percentual de *-is* no teste do PB está sendo tomado como um índice da familiaridade do falante com o padrão *-is* nos itens lexicais representados no léxico. Também se observa que a maioria dos percentuais muito baixos de *-is*, abaixo de 20%, no teste de pseudopalavras estão associados aos índices de *-is* abaixo de 50% no teste do PB, correspondentes à predominância do padrão regular nas respostas deste teste. Por outro lado, a predominância de uso de *-is* no teste do PB, isto é, acima de 50% do total de itens do teste, corresponde a percentuais com predominância de respostas com o padrão *-is* no teste de pseudopalavras em 20 de 37 indivíduos.

Quando os mesmos indivíduos são observados separados por grupo de escolaridade, gráficos 5 e 6 a seguir, observa-se que a tendência de correlação positiva entre índice do PB e resposta no teste de pseudopalavras é mais forte entre os participantes do EJA, $\text{cor}(x,y) = 0,6737943$, embora também haja correlação positiva entre os índices de participantes com nível superior, $\text{cor}(x,y) = 0,5479171$.



Conforme já mostrado no gráfico 3, houve predominância de plural regular nas respostas dos participantes do EJA no teste de pseudopalavras. No gráfico 5, os resultados apresentados por indivíduo para este grupo de escolaridade mostram que a generalização do padrão *-is*, no teste de pseudopalavras, percentual acima de 50%, ocorreu em 7 de 16 indivíduos com predominância da forma *-is* no teste do PB. Foram observados percentuais muito baixos de *-is* no teste de pseudopalavras, abaixo de 10%, em 9 indivíduos com índice abaixo de 50% no teste do PB. Já em relação aos indivíduos com nível superior, a mesma tendência é observada, havendo apenas 2 indivíduos com percentual de *-is*, no teste de pseudopalavras, abaixo de 10%, conforme pode ser observado no gráfico 6 a seguir.



Os resultados apresentados nesta seção trazem evidências para as questões/hipóteses levantadas na seção 4. De acordo com o exposto, a taxa geral de realização do plural -is mostrou a predominância dessa forma de plural no teste de palavras do PB, resultado que se soma aos de outros trabalhos, evidenciando a importância da alta frequência desse tipo de plural, o tipo mais frequente para os itens que, no singular, terminam em ditongo oral decrescente. Já a distribuição das respostas do teste de pseudopalavras para os dois tipos de plural traz evidências da competição entre os padrões no léxico, a ausência de uma regra *default* de atribuição de uma forma regular na ausência da representação do item no léxico, embora não tenha havido predominância do padrão irregular sobre o regular nas respostas.

Os resultados por indivíduo mostraram que há uma grande variabilidade entre os indivíduos, indicando que, embora o mecanismo cognitivo de inferência e atribuição de padrões seja o mesmo para todos os falantes, a base para a inferência, a constituição do léxico, pode ser diferente entre os falantes. Os resultados para os diferentes níveis de escolaridade mostram que as diferentes direcionalidades da inferência estão relacionadas com a experiência sociolinguística do falante com a língua. Falantes do EJA tenderam a usar a forma regular de plural na produção elicitada do teste de pseudopalavras, diferentemente dos participantes com nível universitário. Portanto, falantes com mais escolaridade, o que implica mais experiência com formas de plural padrão, tenderão a refletir os padrões de prestígio esperados para as palavras do PB e, dessa forma, tenderão a produzir formas de plural com -is, o tipo mais frequente para os itens no singular terminados em ditongo oral decrescente.

Considerações Finais

Este artigo apresentou resultados de estudo sobre a alternância de formas de plural do Português Brasileiro de nomes terminados em ditongo oral decrescente do tipo -Vw, considerando os pressupostos do Modelo de Redes, relativos à representação e processamento de

palavras complexas, e da Sociolinguística Variacionista.

A alta variabilidade entre as duas formas em questão, -is (irregular) e -s (regular), nos dois testes, pseudopalavras e itens lexicais de baixa frequência de ocorrência do PB, aponta para a inexistência de uma regra *default* do tipo acrescente -s. Também foram apresentadas evidências de que a variabilidade observada na fala, relativa a diferentes formas de plural de nomes terminados em ditongo oral decrescente, como em *degraus ~ degrais, reais ~ reaus*, tem relação com a competição de padrões de plural que são emergentes das palavras representadas no léxico, organizadas em redes de conexão lexical, baseadas em similaridade sonora e semântica.

A grande variabilidade observada entre os participantes é indicativa de que os falantes, embora utilizem os mesmos mecanismos de inferência e atribuição de padrões estruturais, fazem inferências em direcionalidades diferentes muito provavelmente em função da experiência diferenciada com a língua. Evidentemente, a escolaridade é um dos aspectos que compõem a experiência do falante, mas não é o único. Um estudo posterior deverá levar em conta também informações que indiquem o grau de inserção social do participante (profissão, interação com grupos sociais onde mora ou com outros grupos sociais, etc.), características que podem ajudar a estabelecer melhor o perfil social do falante, não só em função de características macrosociais, como também em função de sua rede social e grupo que interage com mais frequência (comunidade de prática).

Referências

BAAYEN, R. H.; SCHREUDER, R. War and Peace: Morphemes and Full Forms in a Non interactive Activation parallel Dual-Route Model. *Brain and Language* 68, p.27-32, 1999.

BARBOSA, M. F. M. Processamento e Representação de Palavras Complexas por Derivação: um estudo sobre a sufixação do Português Brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação e em Linguística, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2017.

BECKER, M.; CLEMENS, L.; NEVINS, A. I. Generalization of French and Portuguese plural alternations and initial syllable protection. *Natural Language and Linguistic Theory*, 35, n.22, p. 299-345, 2017.

BURANI, C.; THORNTON, A. M. The interplay of root, suffix and whole-word in processing derived words. BAAYEN, R. H.; SCHREUDER, R. (eds.). *Morphological Structure in Language Processing*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p.157-208.

_____. Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Process*. v.10, n.5, p. 425-455, 1995.

_____. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and exemplar representation. In Thomas Hoffman and Graeme Trousdale (eds.) *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, pp. 49-69. Oxford University Press, 2013.

_____. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CÂMARA JR. J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CLAHSEN, H., ROTHWEILER, M. & WOEST, A. Regular and irregular inflection in the acquisition of German noun plurals. *Cognition*, v.45, p. 225-255, 1992.

CRISTÓFARO SILVA, T. C. e OLIVEIRA, M. A. de. Variação do ‘r’ pós-consonantal no português brasileiro: Um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, p. 25-47, 2002.

_____.; GOMES, C. A.; OLIVEIRA, D.; HUBACK, A. P. S. The acquisition of irregular plurals in Brazilian Portuguese. In: X International Congress for the Study of Child Language, Program & Abstracts. Berlin, p. 168-169, 2005.

GOMES, C. A.; GONÇALVES, Carolina M. Flexão nominal na gramática da criança e na gramática do adulto. *Veredas (UFJF. Online)*, v. 14, p. 122-134, 2010.

HAY, J. *Causes and Consequences of Word Structure*. New York, London: Routledge, 2003.

HUBACK, A. P. *Efeitos de frequência nas representações mentais*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, UFMG, 2007.

_____. Plurais em [ão] do Português Brasileiro: Efeitos de Frequência. *Linguística*, v. 6, p. 9-28, 2010.

_____. Irregular Plurals in Brazilian Portuguese: An Exemplar Model Approach. *Language – Variation and Change*, v. 23, p. 1-12, 2011.

_____.; BREDER, G. A perda de distinção fonética entre [l] e [u] em fim de sílaba e consequências para a pluralização. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 44, p. 359-380, 2012.

_____. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso)*, v. 29, p. 79-94, 2013.

MARCUS, G. F. et. al. Over regularization in language acquisition. *Monographs of the Society for Research in Child Development* 57 (4, Serial No. 228), 1992

MARCUS, G. F. Children's over regularization of English plurals: a quantitative analysis. *Journal of Child Language*, v. 22, p. 447-459, 1995.

MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L.R.; HORA, D. da. As consoantes do português. In: BISOL, L.(org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre, ED-PUCRS, p.195-228, 2001.

NEVINS, A. Vowel lenition and fortition in Brazilian Portuguese. *Letras de Hoje*, v. 47, n. 3, p.228-233, 2012.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast. In:

BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.). *Frequency effects and the emergence of lexical structure*. John Benjamins: Amsterdam, 2001. p.137-157.

_____. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: BOD, R.; HAY, J.; JAN-NEDY, S. (eds.). *Probability Theory in Linguistics*. Cambridge MA: The MIT Press, 2003, p. 177-228.

_____. Phonological representation: Beyond abstract versus episodic. *Annual Review of Linguistics*, v. 2, p. 33-52, 2016.

PRASADA, S. & PINKER, S. Generalizations of regular and irregular morphology. *Language and Cognitive Processes*, v. 8, p. 1-56, 1993.

SCHERRE, M. M. P. A Regra de Concordância de Número no Sintagma Nominal em Português. Rio de Janeiro: UFRJ, 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1978.

_____. Reanálise da Concordância Nominal em Português. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

SEVERINO, M. C. A. O plural das palavras terminadas em -ão: mudança ou variação estável? Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

Anexo 1: Estímulos do Teste de Pseudopalavras

'zaw	pi' baw	pavu' taw
'haw	pu' jaw	dila' daw
'baw	si' vaw	mitu' raw
'zaw	ga' faw	gave' naw
'gew	ga' zew	fale' dew
'bew	ka' new	liro' lew
'pew	tu' mew	dibe' pew
'zew	lu' few	hifo' kew
'kew	fa' gew	maka' dew
'bew	lu' mew	sali' zew
'zew	va' zew	mavu' mew
'gew	hi' zew	dano' bew
'low	si' zow	fari' dow
'zow	ku' fow	dege' kow
'kow	ka' now	gano' tow
'fow	ti' vow	kavi' low
	'mizew	mi' latew
	'fasew	si' zisew
	'tulew	ta' ferew
	'lifew	vi' zezew

**Anexo 2: Itens do teste de palavras do PB com frequência de ocorrência no ASPA/
 UFMG e LAEL/PUC-SP (fala)**

Item	Aspa	Lael (fala)	Item	Aspa	Lael (fala)	Item	ASPA	Lael (fala)
naus	200	0	Jiraus	20	0	berimbaus	20	0
maus	711	0	Saraus	123	0	bacalhaus	10	0
paus	3744	0	Umbrais	17	0	espirais	76	0
géis	21	0	Hebreus	108	0	enxovais	34	0
véus	175	0	Plebeus	71	0	camafeus	10	0
céus	1342	0	Níqueis	498	0	européus	9680	0
méis	0	0	cíveis	257	0	afáveis	13	0
sóis	211	0	Plantéis	63	0	audíveis	37	0
			Granéis	21	0	coquetéis	582	8
			Troféus	574	6	mausoléus	22	0
			Chapéus	666	6	cachecóis	26	0
			Anzóis	63	0	aerossóis	61	0
			Atóis	59	0	roxinóis	23	0
			paióis	59	0			

Sobre Dinah Callou — Christina Abreu Gomes⁷

⁷ Ainda aluna da graduação em Letras da UFRJ, em 1980, tive a oportunidade do primeiro contato direto com a Professora Dinah Callou, auxiliando a digitação dos dados de sua tese. Desse primeiro contato, tenho hoje a oportunidade de participar neste volume em homenagem à Professora Dinah, reconhecimento de sua trajetória acadêmica, constituída de uma vasta contribuição sobre o português, sua história, variação e mudança.